



Sobre o pensamento, a política e o trabalho

Ciência

Col. Ciência & Conhecimento
Vol. 5 — Causas da Decadência dos Povos Peninsulares dos Últimos Três Séculos, de Antero de Quental
Quinta-feira, 15 de Outubro
Por +6,90€

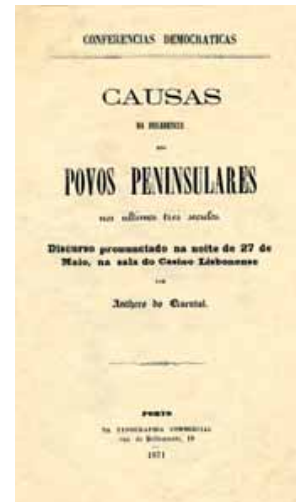
“Foi reconstruído este discurso sobre os apontamentos que serviram para o recitar, os extractos publicados por varios jornaes, e as notas d’alguns amigos. As ideias e os factos citados são rigorosamente os mesmos: é igualmente a mesma ordem da deducção. O estylo é que é, nem podia deixar de ser, diverso: falla-se d’um modo e escreve-se d’outro. O essencial é que se não alterasse o pensamento, e a isso se atendeu escrupulosamente. Podem agora as pessoas, que não assistiram á Conferencia, e que seguindo as informações menos leaes d’alguns periódicos, fazem uma ideia errônea ou desfavorável da doutrina e das intenções do orador, formar por si o seu juízo; juízo que - simpathico ou hostil - é sempre respeitável, uma vez que seja consciencioso”, adverte

Antero de Quental no início da obra *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares dos Últimos Três Séculos*, o quinto volume da colecção *Ciência & Conhecimento*, que, na próxima semana, é distribuído com o PÚBLICO. Comissariada pelo livreiro e antropólogo Luís Gomes, e prefaciada pelo docente e investigador Fernando Carvalho Rodrigues, a colecção assinala os 25 anos da criação do actualmente designado Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e reúne oito obras, em versão fac-símile, que marcaram decisivamente o modo como entendemos o mundo à nossa volta.

Escritor e figura de destaque no realismo português, Antero de Quental nasceu em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, nos Açores, a 18 de Abril de 1842, no seio de uma família com tradições literárias. Estudou Direito em Coimbra, onde integrou o movimento activista estudantil, participando em várias manifestações académicas. Acreditando que a literatura era fundamental para mudar a sociedade, foi membro activo da Geração de 70 e publicou várias obras em que defendia a liberdade de pensamento e a independência dos escritores, ata-

cando o academismo e a decadente literatura romântica.

Depois de uma passagem por Paris, regressou a Portugal e iniciou uma fase de intensa militância. Foi um dos fundadores do Partido Socialista Português e, em 1869, criou o jornal *A República*. Dois anos depois, juntamente com Eça de Queirós, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, organizou uma série de Conferências Democráticas no Casino Lisboense, com o objectivo de pensar uma reforma na sociedade portuguesa. Foi nesse âmbito que, a 27 de Maio de 1871, proferiu um discurso em que abordava o que apontava serem as três causas da decadência dos povos peninsulares. “Tais temos sido nos últimos três séculos: sem vida, sem liberdade, sem riqueza, sem ciência, sem invenção, sem costumes. Erguemo-nos hoje a custo, espanhóis e portugueses, desse túmulo onde os nossos grandes erros nos tiveram sepultados: erguemo-nos, mas os restos da mortalha ainda nos embaraçam os passos, e pela palidez dos nossos rostos pode bem ver o mundo de que regiões lúgubres e mortais chegamos ressuscitados! Quais as causas dessa decadência, tão visível, tão universal, e geralmente tão pouco explicada?”,



Mais de um século passado sobre as Conferências no Casino, Alexandre Quintanilha considera a sua mensagem tão actual como então

questionava o escritor.

“Para Antero, as principais causas da decadência refletem-se nos três grandes aspetos da vida social: o pensamento, a política e o trabalho”, revela o investigador Alexandre Quintanilha, que assina o texto de apresentação do quinto volume da colecção *Ciência & Conhecimento*. “Termina o seu discurso apelando à ‘renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado’, lutando por uma revolução, vista como ‘um verbo de paz, por que é o verbo humano por excelência’. Em 1871 esta mensagem era revolucionária. Mas pouco ou nada mudou até os peninsulares se libertarem das longas ditaduras a que foram sujeitos. Afinal, foram quatro séculos de atraso. Já em democracia e integrados numa Europa baseada na liberdade e no conhecimento, ficamos surpreendidos com a recuperação das últimas quatro décadas. Apesar de ainda frágil, foi possível. Num momento em que os fundamentalismos religiosos, políticos e económicos crescem por todo o lado, os alertas de Antero continuam a ser mais do que pertinentes”, defende o docente universitário. **Liliana Duarte**